



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

EDILANE ARAÚJO DOS SANTOS

A PRÁTICA DOCENTE E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

JOÃO PESSOA – PB

2018

EDILANE ARAÚJO DOS SANTOS

**A PRÁTICA DOCENTE E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro
de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Francineide Rodrigues Passos
Rocha

JOÃO PESSOA - PB
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237p Santos, Edilane Araujo Dos.

A prática docente e sua contribuição no processo de alfabetização e letramento / Edilane Araujo Dos Santos.

- João Pessoa, 2018.

51 f.

Orientação: Francineide Rodrigues Passos Rocha.

Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. LEITURA. ESCRITA. ALFABETIZAÇÃO. LETRAMENTO. I.

Rocha, Francineide Rodrigues Passos. II. Título.

UFPB/BC

EDILANE ARAÚJO DOS SANTOS

**A PRÁTICA DOCENTE E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro
de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 34 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Assinatura do(a) Orientador(a)

Prof.^a. Francineide Rodrigues Passos Rocha
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Assinatura do(a) Examinador(a) 1

Prof.^a. Tatiana de Medeiros Santos - Convidada
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Assinatura do(a) Examinador(a) 2

Prof.^a. Ms. Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos - Convidada
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico este trabalho a Deus, que é o percursor de tudo e guiou-me até aqui, dando-me força e perseverança para continuar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nele tudo posso e me fortalece e, toda minha família que sempre me compreenderam e ajudaram-me nos momentos mais difíceis;

A minha mãe Fátima, meu esposo Jorge, meu sobrinho Ebert e minha cunhada Joedna, que sempre cuidaram dos meus filhos, ajudando-me com os afazeres do lar, quando não pude cumpri-los;

Aos meus irmãos Ednildo, que emprestou e levou o computador para manutenção quando preciso e Elenildo que foi o portador de informações minhas com o Pólo,

Em especial, aos meus queridos filhos Jorge Eduardo e Lucas Gabriel os quais tiveram que ficar por muitas vezes longe de mim para que eu conseguisse realizar este trabalho e que, sempre me encheram de amor nos momentos em que estivemos juntos;

As minhas colegas de curso, Lucélia (cunhada) e Luciele (comadre) que sempre estiveram juntas comigo nesta caminhada, compartilhando conhecimentos, na esperança de chegarmos a tão almejada conquista da conclusão de nossa graduação;

As Prezadas professoras de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, Ismênia Manguiera Soares; Danielle Menezes; Idelsuíte de Sousa Lima por terem me conduzido para o caminho do conhecimento científico e ético e de modo muito especial a minha orientadora Francineide Rodrigues Passos Rocha pela dedicação com a qual se empenhou guiando-me para a concretização deste trabalho.

A todos de coração, os meus mais sinceros agradecimentos.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Compreendendo que a prática de leitura e escrita são processos que se concretizam sendo essenciais e imprescindíveis nas práticas sociais, este trabalho traz conceitos e perspectivas teóricos-metodológicos sobre o processo de alfabetização e letramento, a fim de identificar as práticas de ensino adotadas historicamente nesses processos mostrando resumidamente perspectivas e desafios da profissão docente para reflexão da temática investigada: A prática docente e sua contribuição no processo de alfabetização e letramento. Para busca da compreensão deste fenômeno utilizou-se da abordagem qualitativa, pesquisa do tipo exploratória e estudo exploratório-descritivo combinado. A partir desta caracterização realizou-se pesquisa empírica em uma escola pública de ensino fundamental da cidade da pesquisadora, sendo aplicado questionário aberto aos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental. Para análises da pesquisa o estudo norteia-se em teóricos como: Assolini; Tfouni (1999); Brasil (2015); Cafiero (2005), Freire (1996); Oliveira; Castela (2013); Soares (2009); entre outros. Como resultado da pesquisa foi identificado que a prática docente na contemporaneidade deve capacitar o aluno na perspectiva do letramento a partir de conteúdos atualizados e textos diversificados com contexto sócio-histórico-cultural que transmita conhecimentos formais e informais, tornando o aluno apto a atuar e transformar seu meio em função das necessidades econômicas, sociais e políticas exigidas pela sociedade.

Palavras chave: Leitura. Escrita. Alfabetização. Letramento.

ABSTRACT

Understanding that the practice of reading and writing are processes that become essential and essential in social practices, this work brings concepts and theoretical-methodological perspectives on the process of literacy and in order to identify the teaching practices adopted historically in these processes, showing briefly the perspectives and challenges of the teaching profession to reflect on the research topic: the teaching practice and its contribution in the literacy process and in order to identify the teaching practices adopted historically in these processes, showing briefly the perspectives and challenges of the teaching profession to reflect on the research topic: the teaching practice and its contribution in the literacy process and theoretical. To search for the understanding of this phenomenon was used the qualitative approach, research of the exploratory type and exploratory-descriptive combined study. From this characterization, empirical research was carried out at a public elementary school in the city of the researcher, with a questionnaire open to teachers from the initial years of elementary school. For analysis of the research the study is based on theorists as: Assolini; Tfouni (1999); Brasil (2015); Cafiero (2005), Freire (1996); Oliveira; Castela (2013); Soares (2009); among others. As a result of the research it was identified that the teaching practice in the contemporaneity should enable the student in the perspective of literacy from updated contents and texts diversified with a socio-historical-cultural context that transmits formal and informal knowledge, making the student capable of acting and transforming his environment according to the economic, social and political needs demanded by society in the contemporary world.

Keywords: Reading. Writing. Literacy. Literature.

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	9
II ALFABETIZAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS.....	12
2.1 Contextualizando o Processo de Alfabetização	12
2.2 Alfabetização como codificação/descodificação dos sinais gráficos – (Perspectiva Tradicional)	15
2.3 Alfabetização como Prática Social – (Perspectiva Construtivista).....	16
2.4 Concepções de Alfabetização e Letramento.....	19
III PERSPECTIVAS E DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE.....	23
3.1 Formação Docente.....	23
3.2 Prática Pedagógica.....	24
3.3 Dificuldades enfrentadas pelos Educadores.....	26
IV FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
4.1 Caracterização da pesquisa.....	28
4.2 Definição do campo e dos sujeitos da pesquisa.....	28
4.3 Caracterização das turmas.....	28
4.4 Procedimentos de geração de dados.....	29
4.5 Análise das entrevistas e documental.....	30
4.6 Resultados - Análise dos dados.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICES.....	46
ANEXO.....	50

I INTRODUÇÃO

Este documento apresenta uma investigação sobre a prática docente e sua contribuição no processo de alfabetização e letramento. Nessa perspectiva, o trabalho com a leitura e escrita deve ser realizado com ênfase no início da vida acadêmica para incentivar, fomentar e estimular as crianças na construção do hábito da leitura, pois essa atitude faz render bons frutos em todas as áreas do ensino.

A leitura precede à escrita e possibilita ao seu ouvinte ou leitor adquirir conhecimentos ou informações do mundo, contribuindo para a sua formação como cidadão e abrindo caminhos para a aquisição de novos conhecimentos.

Entende-se que as crianças têm seu primeiro contato com a leitura, logo que começam a fazer suas leituras do mundo, mas, esse contato pode ser ampliado a partir dos estímulos que recebem. Para alguns indivíduos a escola inicia esse contato direto, com a leitura e escrita. Nos primeiros anos do ensino fundamental, a criança começa a utilizar o código linguístico passando a codificar e decodificar os sinais gráficos, contudo, alfabetizar não se resume em apenas ensinar a ler e escrever, mas a aquisição desta técnica serve de base para que aconteça o processo de alfabetização significativa, na perspectiva do letramento.

Na contemporaneidade, não se admite apenas saber ler e escrever, é preciso além destes, interpretar e participar das discussões por meio da escrita, dando opiniões e agindo criticamente sobre os problemas do mundo. Desse modo, o indivíduo passa da condição de alfabetizado a letrado, uma vez que não somente sabe ler e escrever, mas faz o uso da alfabetização como letramento, pois utiliza os sinais gráficos ativamente, fazendo uso dos mesmos nas discussões, por meio da língua falada e escrita, adquirindo conhecimentos sociais, culturais, cognitivos, linguísticos, entre outros.

Devido à importância que a leitura e a escrita indissociavelmente desempenham na vida dos seres humanos, esta pesquisa buscou investigar como acontece o ensino da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, já que resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização “ANA revelam que 54,73% dos estudantes acima dos oito anos, faixa etária de 90% dos avaliados, permanecem em níveis insuficientes de leitura”, comprovando que os níveis de alfabetização dos brasileiros estagnaram de 2014 a 2016. (BRASIL, 2017).

Deste modo, essa pesquisa se justifica pelo interesse pessoal em analisar a prática docente no processo de alfabetização e letramento, utilizando como campo de pesquisa uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Várzea – PB. Os objetivos específicos

buscam identificar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes com relação ao processo de leitura e letramento; verificar as dificuldades encontradas pelos docentes no processo de alfabetização.

Diante do exposto, essa pesquisa torna-se importante e viável, para a área da educação, pois trouxe conhecimentos para o seu investigador e informações recentes sobre o ensino da leitura e escrita no cotidiano escolar, o que servirá para estudos futuros.

Para maior aprofundamento e cumprimento dos objetivos foram realizados estudos em documentos acadêmicos da internet e livros de autores como, Assolini; Tfouni (1999); Brasil (1996, 1997, 2015); Cafiero (2005); Freire (1996); Soares (2009), entre outros autores que abordam sobre alfabetização e letramento. Tendo como procedimentos metodológicos, uma abordagem qualitativa, uma vez que buscou a compreensão do objeto estudado, sendo realizada pesquisa empírica, onde se aplicou questionário aos docentes para uma melhor consecução dos objetivos.

Quanto à estrutura, no primeiro capítulo é apresentada a importância da temática, explicando o interesse pelo tema, o qual partiu da preocupação diante dos resultados obtidos pelo Sistema de Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), o que gerou a problemática a ser investigada. Como também estão descritos os objetivos e o campo de atuação da pesquisa empírica.

No segundo capítulo, é feita uma contextualização do processo de alfabetização a partir dos estudos realizados em Soares (2009), Paim (2014), Ferreiro (1935), Piaget (2010) E Brasil (1997 2018); concepções de alfabetização como codificação/descodificação dos sinais gráficos e prática social através de Soares (2009), Oliveira; Castela (2013), Cafieiro (2005), Luria (1988), Brasil (1997), Libâneo (2006), Kleiman (2006), Vygostky (1998) E Ferreiro (1935) e; os conceitos de alfabetização e letramento, segundo os autores Maia; Maranhão (2015); Assolini; Tfoini (1999); Soares (2009), Collelo (2018).

O terceiro capítulo traz uma abordagem sobre perspectivas e desafios na prática docente, com ênfase à formação docente, prática pedagógica e dificuldades enfrentadas pelos educadores, observadas segundo Freire (1996); Brasil (1997) E Libâneo (2006), e outros autores.

No quarto capítulo é apresentado fundamentos e procedimentos metodológicos, identificando as características da pesquisa segundo Brennand; Medeiros; Figueirêdo (2012), Lakato; Marconi (2003); definição do campo e os sujeitos da pesquisa com dados do INEP (2018); características das turmas; procedimentos de geração de dados; análise das entrevistas, dos documentos e análise dos resultados. Foi detectado que a prática docente de

ensino da leitura e da escrita, está voltada para a formação integral dos indivíduos, tornando-os cidadãos letrados, ou seja, a prática docente deve alfabetizar tornando os alunos aptos para exercer a vida em sociedade, a partir da perspectiva do letramento.

II ALFABETIZAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

2.1 Contextualizando o Processo de Alfabetização

No processo de alfabetização, diversos são os entendimentos sobre como deve ser ensinada a leitura e a escrita, porém, todos compreendem a importância em adquirir estas capacidades, devido à função social e cognitiva que ambas exercem ao possibilitar a aprendizagem de modo geral.

No Brasil, a problemática sobre o ensino da leitura e escrita, como prática alfabetizadora vem se prolongando a décadas, sendo esta tratada inicialmente como uma ação para a superação do analfabetismo. Segundo Soares, 2009, p.16

Analfabetismo define o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, é o "estado ou condição de analfabeto", e analfabeto é o "que não sabe ler e escrever", ou seja, é o que vive no estado ou condição de quem não sabe ler e escrever; a ação de alfabetizar, isto é, segundo o Aurélio, de "ensinar a ler" (e também a escrever, que o dicionário curiosamente omite) é designada por alfabetização, e alfabetizado é "aquele que sabe ler" (e escrever).

Assim sendo, constataram-se com este estudo diversas concepções sobre o ensino da leitura e da escrita, obtidas em estudos de teóricos e estudiosos da temática, fazendo refletir sobre elas, para poder compreender esse processo.

Entre as concepções, viu-se que a alfabetização foi e ainda é para muitos professores à aquisição do código escrito (codificação e decodificação). Quando entendida dessa maneira, as técnicas de leitura e escrita são apresentadas de modo mecânico, utilizando-se da perspectiva tradicional em que concebe como ser alfabetizado aquele que conhecesse o código linguístico, ou seja, a grafia das palavras.

Paim (2014) diz que quando a alfabetização é vista nesta concepção, em que se compreende a língua como um sistema abstrato e homogêneo, desvincula-se o seu uso, pois desconsidera o trabalho da linguagem no sentido mais amplo.

Quando se trabalha nessa concepção utiliza-se da memorização, repetição e cópias de palavras e sílabas descontextualizadas, fazendo referência unicamente ao aprendizado da escrita e leitura, como sendo apenas utilizar grafemas e fonemas durante todo o processo de alfabetização.

Ferreiro (1935) traz que em 1970, após ter terminado a Tese de Doutorado em Psicologia, intitulada: *Les relations temporelles dans le langage de l'enfant* (1971), na qual

tinha investigado sobre o uso da linguagem oral, embasada nos estudos de Piaget, percebeu que uma quantidade enorme de intercâmbios linguísticos era referente à aprendizagem da língua escrita.

Em suas pesquisas sobre a aquisição da língua escrita, Ferreiro (1935) não conseguiu perceber nas crianças a forma de aquisição do conhecimento proposta por Piaget em que:

A inteligência é de fato assimilação na medida em que incorpora todos os dados da experiência. Quer se trate do pensamento que, graças ao juízo, faz entrar o novo no já conhecido, reduzindo assim o Universo às suas próprias noções, quer se trate da inteligência sensório-motora que estrutura igualmente as coisas que percebe reconduzindo-as aos seus esquemas, nos dois casos a adaptação intelectual comporta um elemento de assimilação, [...], de estruturação por incorporação da realidade exterior às formas devidas à atividade do sujeito.

[...] não podemos ter dúvidas de que a vida mental seja, simultaneamente, uma acomodação ao meio ambiente. A assimilação não pode ser pura porque, quando incorpora os elementos novos nos esquemas anteriores, a inteligência modifica imediatamente estes últimos para adaptá-los aos novos dados.

Mas, pelo contrário, as coisas nunca são conhecidas nelas mesmas, uma vez que este trabalho de acomodação só é possível em função do processo inverso de assimilação.

Resumindo, a adaptação intelectual, [...], é uma equilibração progressiva entre um mecanismo assimilador e uma acomodação complementar. (PIAGET, 2010, p. 30-31)

Apesar de Ferreiro (1935) não encontrar em suas pesquisas a criança piagetina, admite ter sido mediante os estudos das obras de Piaget, principalmente o livro *Psicologia da inteligência*, que passou a investigar se a aquisição de todos os conhecimentos acontecia da mesma maneira como propunha em seus estudos. Esta investigação resultou na descoberta que deu origem ao seu livro inicialmente publicado no México no ano de 1979, em coautoria com Teberosky, *Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño*.

Depois dessas pesquisas realizadas, na Argentina nos anos de 1974, 1975 e 1976 por Ferreiro, Teberosky, Fernández, Kaufman, Lenzi e Tolchinsky, o ensino da leitura e da escrita passou a ter uma nova perspectiva no campo educacional, ocasionando uma revolução na maneira de conceber o processo de alfabetização.

Sobre esta questão, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa apresentam que:

No início dos anos 80, começaram a circular, entre educadores, livros e artigos que davam conta de uma mudança na forma de compreender o processo de alfabetização; deslocavam a ênfase habitualmente posta em como se ensina e buscavam descrever — como se aprende —. Tiveram grande impacto os trabalhos que relatavam resultados de investigações, em especial a psicogênese da língua escrita. Esses trabalhos ajudaram a compreender aspectos importantes do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. (BRASIL, 1997, p. 20).

Devido aos problemas identificados no Brasil, com relação à alfabetização, Ferreiro (1935) começou seu trabalho por aqui, antes mesmo da tradução e publicação do seu livro em Português que aconteceu em 1985, sendo intitulado de *Psicogênese da língua escrita*. Para Ferreiro (1935) este processo começa pela linguagem oral, passando pela linguagem escrita, para retornar à oralidade por meio da leitura.

Com esta nova concepção, da importância em reconhecer os conhecimentos sociais e culturais como propícios a aprendizagem, ficou evidente a importância das Teorias Piagetianas e Vygotskianas, as quais ambos concebem que a aprendizagem se desenvolve nos seres humanos a partir da interação do sujeito com o meio e com os outros.

Assim, na contemporaneidade, o ensino passou a exigir dos docentes práticas planejadas, que sejam construtivistas e que ao mesmo tempo capacite o educando para ir à busca do seu próprio conhecimento, devendo-lhes ser transmitidos conhecimentos atuais, relacionados às vivências socioculturais de modo a capacitá-los para a vida em sociedade, sendo conhecedores dos seus direitos e deveres e lutando por um mundo em prol do bem-estar seu e dos demais.

Alfabetizar nesse sentido perpassa o saber ler e escrever, tomando uma dimensão mais além, alfabetizar agora é tornar a criança ou o adulto capaz de atuar no mundo em que vive, participando, compreendendo e agindo criticamente sobre as questões que lhe são impostas.

Para avaliar o processo de desenvolvimento da aprendizagem no Brasil, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) criou um sistema de avaliações educacionais coordenadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, e visa conhecer como está este processo, para poder mediante informações coletadas, agir em prol de melhorias para a educação no país. O Índice de Desenvolvimento da Educação - IDEB teve início em 2005 e conforme MEC,

O Ideb foi criado pelo INEP em 2007, em uma escala de zero a dez. Sintetiza dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: aprovação e média de desempenho dos estudantes em língua portuguesa e matemática. O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho nas avaliações do Inep, o Saeb e a Prova Brasil. (BRASIL, 2018)

Assim, encontra-se o campo educacional brasileiro em constante avaliação e adaptação para cumprir com a meta estabelecida de obter Ideb 6,0, na primeira fase do ensino fundamental, até 2022.

2.2 Alfabetização como codificação/descodificação dos sinais gráficos – (Perspectiva Tradicional)

Nesta concepção, aprender a ler e escrever eram tidos como uma atividade mecânica e individual, na qual se aprendia a codificar e decodificar palavras, através do que o professor ensinava repetidamente, para que a criança compreendesse o código gráfico, passando a transformar grafemas em fonemas. Assim, a partir dessa habilidade, poderia se dizer que a criança estaria alfabetizada, ou seja, a alfabetização era caracterizada como a ação em que se aprende a ler e escrever. Nesse sentido desconsiderava-se a sua principal função que é a de transmitir informações e conhecimentos por meio da comunicação.

Neste contexto, Soares (2009, p. 42) diz que alfabetizar era: “um processo de “pendurar” sons em letras (“ganchos”); costuma ser um processo de treino, para que se estabeleçam as relações entre fonemas e grafemas, um processo de desmonte de estruturas linguísticas (“um martelo quebrando blocos de gramática”).”.

Assim, o ensino da gramática era feito em partes, sendo estudada a fonologia, morfologia e sintaxe ao longo do percurso escolar para a organização das estruturas linguísticas, pois, acreditava-se que dessa maneira o indivíduo evoluiria na escrita, passando a escrever bem.

Como se trabalhava com a gramática e com textos sem que estes tivessem uma reflexão sobre a atualidade, não necessariamente precisando transmitir os conhecimentos que deviam ser praticados pelas crianças na convivência social, muitas vezes, os docentes planejavam aulas podendo reutilizá-las, até em anos posteriores. Desse modo, percebe-se que não havia uma perspectiva evolutiva e contínua que capacitasse a criança a aprender o que ela precisava no dia-a-dia, desconsiderando as relações sociais e as culturas presentes no meio.

As práticas pedagógicas de leitura e escrita eram voltadas para a memorização, repetição e cópia de conteúdos que não levavam em consideração a linguagem social, nem os conhecimentos adquiridos pela criança durante todo o percurso dela, desde seu nascimento até aquele momento.

Quando trabalhado com textos, estes apresentavam uma única gênese e trazia apenas as informações das palavras contidas dentro do mesmo.

Assim, para fazer a interpretação de um texto basta “olhar para a sua estrutura e composição, ou seja, tudo está dito em seu interior, não há necessidade do leitor ativar seus conhecimentos prévios ou traçar comparações com situações já vivenciadas. O texto acaba, tornando-se um pretexto para a localização de informações e estudo gramatical. (OLIVEIRA; CASTELA, 2013, p. 288)

Com esse entendimento alfabetizar era uma ação técnica em que os indivíduos aprendiam a utilizar o código linguístico através de uma linguagem artificial, desvinculada da realidade das crianças, fazendo com que elas, muitas vezes, não compreendessem as informações contidas nos textos, ocasionando o desinteresse pelo assunto, o que resultava em fracasso escolar.

Devido à educação ter sido pensada apenas nesta perspectiva, durante muito tempo em nosso país, é que temos hoje o analfabetismo funcional, onde adultos que sabem ler e escrever não consegue compreender textos simples, como anúncios de jornais, revistas, receitas médicas, bulas de medicamentos, entre outros, que exigem uma compreensão mais aprofundada dos conteúdos por eles expressos, compreensão esta, que vai além do que é escrito, devendo ser interpretadas.

2.3 Alfabetização como Prática Social – (Perspectiva Construtivista)

Continuadamente, o processo de ensino-aprendizagem inovador, não desprezou o que vinha sendo trabalhado anteriormente da gramática, apenas fez uma reformulação no modo como estes eram apresentados na prática pedagógica. Assim, os elementos gramaticais passaram a ser ensinados dentro de textos com contextos variados e com gêneros textuais diversos em que a leitura “é um processo que exige que o leitor estabeleça relações complexas entre aquilo que ele decodifica e os diversos tipos de conhecimentos armazenados em sua memória ao longo de suas experiências.” (CAFIERO, 2005, p. 16)

Com esta nova visão, Soares (2009) conceitua *analfabeto* como aquele que não sabe ler e escrever ou que apenas aprendeu a ler e escrever, mas não os utiliza; *Alfabetizado* aquele que sabe ler e escrever e faz uso de ambos; e *letrado* ou em condição de *letramento* o indivíduo que sabe ler e escrever e faz uso constantemente da leitura e da escrita em suas práticas sociais. Para ela a “hipótese é que aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros. ” (SOARES, 2009, p. 38).

O termo ser *letrado* segundo Soares (2009) faz referência, a saber, ler e principalmente escrever com desenvoltura, ativamente para interpretar, interagir e compreender diversificados tipos de informações. O indivíduo pode ser letrado sem ser alfabetizado desde que consiga reconhecer, por exemplo, que um conjunto de letras juntas é algo escrito, tendo contato com a informação através da linguagem oral através de outrem.

O ensino da leitura e da escrita tem agora uma nova concepção de alfabetização, em que se considera o que a criança aprendeu desde o seu nascimento em contato com a família, o meio social e o ambiente escolar, considerando-se todos os conhecimentos adquiridos. Conforme Luria (1988) a criança durante os primeiros anos de vida, antes mesmo da idade escolar, já aprendeu e assimilou inúmeras técnicas que a conduzirá mais facilmente a compreensão da linguagem escrita.

Desse modo, o Parâmetro Curricular Nacional (Língua Portuguesa) propõe que o ensino-aprendizado deve acontecer por meio da diversidade textual, disponibilizando as seguintes orientações para a seleção dos textos.

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais — que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1997, p. 25-26)

Os textos utilizados para a prática de leitura devem ser selecionados de acordo com a faixa etária da criança e deve conter informações atuais que retrate situações de vivência em que as crianças possam imaginar e fazer a associação entre o que já é conhecido e o novo conhecimento, tirando suas próprias conclusões. Os textos devem retratar situações de vivências socioculturais que contribua para aquisição de conhecimentos fundamentais para a vida em sociedade.

A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade (LIBÂNEO, 2006, p. 17).

Por isso, a escola deve trabalhar com os conhecimentos de mundo sempre atualizados, para preparar o discente não só para as suas necessidades diárias, mas para a vida

adulta, desenvolvendo neles capacidades que os tornem independentes, autônomos e críticos com base fixada nos valores, éticos e morais que lhes serão necessários para exercerem sua cidadania.

Assim, o processo de alfabetização vai além do aprendizado da leitura e da escrita mecânica, da técnica de codificar e decodificar a escrita, pois na contemporaneidade, esta se torna uma prática ineficaz, tendo o professor alfabetizador que desenvolver práticas de leitura e escrita que leve a criança a perspectiva de letramento.

Assim, as ações estratégicas de um agente de letramento, “o mobilizador primário das capacidades e habilidades do grupo” teriam por objetivo fazer emergir, nas interações com os educandos, seus conhecimentos de livros e outros recursos escritos, assim como aqueles das suas redes comunicativas familiares, religiosas e outras, com o objetivo de ajudá-los a atribuir sentido à palavra escrita (KLEIMAN, 2006, p. 415-416).

O processo de ensino aprendizado deve partir daquilo que as crianças já sabem, para assim poder trabalhar com os objetivos estabelecidos pela escola, de modo a desenvolver aprendizagens significativas. Como nesta perspectiva, a interação e o conhecimento de mundo são reconhecidos como importantes e essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem, assim como havia pensado Vygotsky (1998), não faz sentido, reconhecer a escola como o único lugar onde estes devam acontecer, devendo-se levar em consideração o ensino formal e informal, como ambientes propícios à aprendizagem.

Levando-se em consideração o desenvolvimento da criança e os conhecimentos adquiridos por ela até o momento em que ela vai aprender a ler e escrever, percebe-se que todo o processo de alfabetização acontece mediante os conhecimentos adquiridos por ela durante todas as etapas da sua vida, fazendo-nos perceber que “a compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, através da linguagem falada” (VYGOTSKY, 1998, p.154).

Essa perspectiva Vygotskyana, condiz com o que Ferreiro (1935) constatou em sua pesquisa, sobre a linguagem oral, onde ela diz “comecei a perceber que uma enorme quantidade de intercâmbios linguísticos tinham a ver com a escrita. Eram intercâmbios linguísticos sobre a aprendizagem da língua escrita. ” (FERREIRO, 1935, p.17).

Para chegar ao processo de alfabetização inicialmente a criança precisa conhecer a linguagem oral, que é adquirida a partir da convivência social e do contato com o meio, comunicando-se e conhecendo o mundo por meio de seus questionamentos sobre o que é isso, para que serve, entre outros.

Entendendo que para ensinar é preciso levar em consideração a fase de desenvolvimento da criança e os conhecimentos adquiridos por ela em cada etapa da vida, levando em consideração a interação social e o contato com o meio, de modo a instruí-la para ser cidadã consciente e capacitada para a vida em sociedade, passaremos a conhecer o processo de aquisição da leitura e da escrita, por meio de algumas concepções de alfabetização e letramento.

2.4 Concepções de Alfabetização e Letramento

A alfabetização foi por muito tempo considerado como o processo em que se ensinava de forma mecânica, a técnica de codificar e decodificar o código linguístico por meio de atividades com palavras soltas e sem sentido, buscando capacitar o indivíduo para ler e escrever. Essa prática era tida como alternativa para acabar com o analfabetismo, já que precisava ser superada a falta de escrita.

Nessa perspectiva, a alfabetização “guarda a ideia de finitude, quanto ao domínio de códigos e símbolos, ao que dá-se importância capital.” (Maia; Maranhão, 2015, p. 933). Desse modo, no processo de alfabetização os indivíduos aprendiam a utilizar o código linguístico através de uma linguagem artificial, desvinculada da realidade das crianças, utilizando-se da memorização, repetição e cópia de conteúdos para que a criança compreendesse o código gráfico, passando a transformar grafemas em fonemas. Soares *apud* Maia; Maranhão (2015, p. 939)

[...] pontua que, apesar do termo Letramento denotar o resultado de uma ação de ensinar a ler e escrever, a preferência do emprego desse termo pode ter decorrido de preocupação afiliva de disponibilização desses processos a uma parcela da população brasileira, à qual são vedadas diversas oportunidades de participação na cultura escrita.

Conforme falam as autoras, a proposta de letramento surgiu devida necessidade de adaptação no processo de alfabetização, para suprir a necessidade da falta de escrita por parte da população menos favorecida do Brasil.

Mas recentemente, a partir da implantação do Ensino Fundamental de 9 anos, o qual incluiu as crianças de 6 anos no 1 ano do Ensino Fundamental, novas exigências metodológicas, didáticas e de formação profissional, entre outras, que não cabe citar neste trabalho, surgiram para adequar-se a essa nova realidade, fazendo surgir documentos para a

orientação dos profissionais. Em resumo, as autoras Maia; Maranhão diz que nessas orientações deve-se:

[...] considerar a existência de processos diferenciados, como Alfabetização e Letramento no Ciclo da Alfabetização; a necessidade de utilização de diferentes contextos de aprendizagem e uso do conhecimento; considerar o perfil, as individualidades dos alunos; desenvolver estratégias respeitando a nova criança do Ensino Fundamental; trabalhar a Linguagem Escrita e as diferentes formas de representação do conhecimento; a importância do ambiente escolar e doméstico para o desenvolvimento da aprendizagem; trabalhar os aspectos funcionais da língua; considerar a necessidade de um tempo maior para o processo de Alfabetização. (MAIA; MARANHÃO, 2015, p.932)

A partir dessas orientações, percebe-se uma nova visão para o processo de Alfabetização, sendo esta voltada para o Letramento, o qual tem uma dimensão ampliada, que contempla além dos códigos e símbolos, os conhecimentos adquiridos pelas crianças desde seu nascimento, sendo acrescidas vivências sociais e culturais, considerando a alfabetização como um processo sócio histórico.

Acredita-se que a modernidade e os avanços tecnológicos também contribuíram para as constantes mudanças no modo de pensar a educação, pois a partir desse momento, passou-se a exigir cada vez mais dos indivíduos, tendo estes que estar capacitados para o mercado de trabalho e para o mundo.

Mediante novos acontecimentos, ideias e fatos, palavras ganham outro sentido ou são criadas novas palavras para compreender a presença da escrita no mundo social. “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 2009, p. 18).

¹Soares vê a alfabetização como um processo social e cultural que depende das condições do local em que os indivíduos estão inseridos. Para ela existe “diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural.” A autora supracitada conceitua alfabetização e letramento distintamente, podendo ser percebido quando ela conceitua que o alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever e faz uso de ambos (alfabetização nas primeiras séries); e letrado ou em condição de letramento o indivíduo que sabe ler e escrever e faz uso constantemente da leitura e da escrita em suas práticas sociais, estando em um nível mais

¹ Ibidem, p.49

elevado de conhecimento. Apesar de serem conceituados separadamente, é necessário que a criança ou o indivíduo passe por esses diferentes níveis para chegar ao estado de letramento.

Ela fala que os termos alfabetização e letramento são utilizados para distinguir os diferentes níveis de aprendizagem dos indivíduos em diversos contextos históricos e sociais, determinando que a aprendizagem e habilidade dos indivíduos sejam medidas em níveis de analfabetos, alfabetizados, letrados ou iletrados.

Tfouni (1995) *apud* Assolini; Tfouni (1999) utiliza o termo “letramento” na versão inglesa, “literacy”, identificando que existem três perspectivas para este termo, sendo elas: individualista-restritiva, tecnológica e cognitivista. Na primeira, literacy é tido exclusivamente como o aprendizado da leitura e escrita. Na tecnológica, o termo literacy, é o produto obtido a partir do uso de textos sofisticados, que trabalham com o uso da leitura e da escrita, a fim de contribuir com o processo de civilização e o desenvolvimento tecnológico.

Já na perspectiva cognitivista, elas veem “o aprendizado como produto de atividades mentais”, reconhecendo o educando como o principal responsável pela aquisição da escrita. Nessa perspectiva, o indivíduo aprende a escrita por si só, pois se acredita que “os conhecimentos e as habilidades, tem origem no próprio indivíduo”, sendo “valorizados os processos internos e ignoradas as origens sociais e culturais do letramento.” (ASSOLINI; TFOUNI, 1999, p. 29).

Entretanto há críticas a estas perspectivas (individualista-restritiva, tecnológica e cognitivista), dizendo que ambas são concepções utilizadas atualmente como letramento, porém, não são, pois todas fazem referência, em destaque, a literacy (letramento) “como aquisição da leitura e da escrita, sendo que as “práticas”, “habilidades” e “conhecimentos” são sempre voltados para a codificação/descodificação de textos escritos.” (idem, p. 29).

Autores que criticam o letramento veem a alfabetização como aquisição da escrita através da aprendizagem de habilidade como leitura, escrita e práticas de linguagens, considerando que estas só são possíveis nas instituições de ensino formal, desconsiderando as aprendizagens acumuladas adquiridas no meio social e cultural.

Conforme este estudo, o meio sociocultural contribui no processo de aprendizagem das crianças, sendo identificado que documentos oficiais e a maioria dos teóricos orientam práticas pedagógicas que envolva os conhecimentos sociais e culturais no processo de ensino-aprendizagem, alfabetizando na perspectiva do letramento. Desse modo, o docente deve levar em consideração todos os conhecimentos adquiridos pela criança desde seu nascimento, transmitindo a ela conhecimentos formais e informais de modo a torná-la apta para a vida em sociedade, sabendo ler, escrever, interpretar, identificar uma crítica, fazer

uso de diversos textos e ser apto a escrever textos diversificados, sendo capaz de participar ativamente da sociedade de forma autônoma e participativa, agindo em prol de melhorias para si e para os demais. Portanto, a alfabetização vai além de saber ler, escrever e falar, é preciso saber se colocar fazendo uso adequado da leitura e da escrita de acordo com o contexto em que se esteja inserido.

Mediante os vários conceitos e entendimentos sobre o que é alfabetização e/ou letramento, observou-se que ambos são indissociáveis e indispensáveis para a aquisição da leitura e da escrita, independente das concepções obtidas pelos estudiosos. Conforme Soares (2009, p. 68)

Apesar dessas diferenças "fundamentais", as definições de letramento frequentemente tomam a leitura e a escrita como uma mesma e única habilidade, desconsiderando as peculiaridades de cada uma e as dessemelhanças entre elas (uma pessoa pode ser capaz de ler, mas não ser capaz de escrever; ou alguém pode ler fluentemente, mas escrever muito mal).

As concepções de letramento que entendem como diferentes o processo de aquisição da leitura e da escrita, acaba remetendo-se a uma ou outra, ignorando que na perspectiva do letramento, ambas as habilidades se complementam.

Com a indefinição do que seja letramento devido este processo englobar todos os conhecimentos adquiridos culturalmente, a partir das relações sociais em um determinado contexto histórico, cabe ao docente, para exercer bem sua função, buscar conhecer os documentos oficiais disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC) como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* e *Ensino Fundamental de 9 anos: orientações gerais* que orientam sobre a prática docente nessa etapa, trazendo sugestões para uma prática de ensino significativa.

Essas orientações ajudam o docente na construção de suas práticas pedagógicas, dando sugestões para que ele desenvolva métodos e estratégias de ensino que contribua para a aquisição dos conhecimentos necessários aos indivíduos na contemporaneidade, favorecendo as demandas sociais. Neles, são incluídos os conhecimentos formais (escola) e informais do cotidiano, com a família, amigos, igreja, clube, entre outros. Esses contribuem para a aquisição dos valores éticos e morais que torna o aluno letrado.

Diante disso, no próximo capítulo será abordada a formação docente, a prática pedagógica e quais as dificuldades enfrentadas por estes profissionais para exercerem sua profissão, alfabetizando na perspectiva do letramento.

III PERSPECTIVAS E DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE

3.1 Formação Docente

Na formação docente, o educando precisa aprender os saberes da profissão, sendo capacitados para saber articular o conhecimento do campo da educação com os saberes pedagógicos, ou seja, conciliar teoria e prática, por meio do conhecimento científico, de modo a exercer sua profissão fundamentada em teorias consistentes, que contribuam para a prática e a ética dentro da sala de aula. Ele precisa unir os conhecimentos científicos pedagógicos, aos conhecimentos disciplinares e curriculares que lhes serão necessários no exercício da profissão.

Segundo Freire (1996, p. 13) o “ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível.”. O aprendizado só acontece realmente, quando o aluno se torna capaz de recriar ou refazer o ensinado. Assim, o processo de aprendizagem deve provocar no aluno, o senso crítico e a curiosidade crescente, para que este busque cada vez mais a aquisição de novos conhecimentos.

É preciso desde o início da formação, fomentar nos discentes o desejo pelas descobertas, dando oportunidade para que eles se descubram como pesquisadores, assumindo-se como produtor do próprio conhecimento. Nesse sentido, o docente não é quem ensina, mas quem dá condições para que o aluno se desenvolva adquirindo novos conhecimentos e, nessa condição quem ensina também aprende, embora docente e discente desempenhem papéis diferentes nesse processo. Nesse entendimento “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 1996, p.12).

O docente que reconhecer esta troca de conhecimentos reconhece-se como verdadeiro educador e busca renovar suas práticas a partir da reflexão sobre o que é ensinado e aprendido. Pensar dessa maneira favorece termos cada vez mais “educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.” (FREIRE, 1996, p.13).

3.2 Prática Pedagógica

O docente na atualidade deve capacitar os discentes para ir à busca do seu próprio conhecimento, visto que, estes se alteram constantemente, devendo em vez de transmiti-los, proporcionar as condições, para que o educando adquira sempre novos conhecimentos.

Nessa mesma linha de pensamento, o docente deve levar em consideração todos os conhecimentos adquiridos pelas crianças, devendo fazer uma investigação sobre quais conhecimentos ela já adquiriu e quais ainda não, tomando estas informações coletadas, como base para a elaboração de suas futuras metodologias de ensino.

Para Freire (1996) é papel do educador ou mais amplamente da escola “respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.” (FREIRE, 1996, p. 15)

Explicar o porquê de se trabalhar com os conteúdos voltados para os fatos atuais, sociais e culturais, pode despertar nos educandos a percepção de problemas da realidade local, despertando neles o senso crítico que contribui para a busca por soluções para os mesmos.

O conhecimento sobre os problemas sociais, quando trabalhados em sala de aula pode contribuir para acabar com práticas discriminatórias e preconceituosas de dentro e fora da escola.

Para auxiliar os docentes na reflexão e discussão de aspectos do cotidiano, nas práticas pedagógicas, foi elaborado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que dá orientações sobre como rever seus objetivos, conteúdos, trazendo formas de encaminhamento das atividades. Deixando claro que o docente deve refletir sobre a sua prática pedagógica a partir dos objetivos propostos, devendo ser realizado planejamento em conjunto com a equipe pedagógica. (BRASIL, 1997).

Os PCN trazem que o processo de avaliação deve utilizar diferentes códigos, como verbal, oral, escrito, gráfico, numérico e pictórico, levando em consideração as diferentes aptidões dos alunos, pois às vezes o aluno pode não ter domínio da escrita para expressar seu raciocínio sobre um determinado conteúdo, mas, oralmente consegue fazê-lo perfeitamente através de diálogos, entrevistas ou debates.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa trazem orientações didáticas para o ensino deste currículo, vejamos algumas delas:

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. [...]. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;
- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. [...];
- ao propor atividades de leitura convém sempre explicitar os objetivos e preparar os alunos. É interessante, por exemplo, dar conhecimento do assunto previamente, fazer com que os alunos levantem hipóteses sobre o tema a partir do título, oferecer informações que situem a leitura, criar um certo suspense quando for o caso, etc.;
- é necessário refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, [...], ler para revisar. [...]. Esse é um procedimento especializado que precisa ser ensinado em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos.
- oferecer textos escritos impressos de boa qualidade, por meio da leitura (quando os alunos ainda não leem com independência, isso se torna possível mediante leituras de textos realizadas pelo professor, o que precisa, também, ser uma prática continuada e frequente). São esses textos que podem se converter em referências de escrita para os alunos;
- solicitar aos alunos que produzam textos muito antes de saberem grafá-los. [...]. Quando ainda não se sabe escrever, ouvir alguém lendo o texto que produziu é uma experiência importante (BRASIL, 1997, p. 43 – 49).

Seguindo estas orientações, o docente despertará nos alunos o hábito pela leitura, contribuindo para a escrita, através de estratégias que desenvolve a oralidade dos alunos por meio de conversas, debates e diálogos. Porém, o docente deve planejar as atividades com antecedência, selecionando o material a ser utilizado nas atividades de modo a contribuir com contextos mais significativos para seus alunos.

O docente que inova na sua prática pedagógica, torna o ambiente mais atraente para a criança, sendo inúmeros os recursos que podem ser utilizados para atrair a criança a participar das aulas, como por exemplo, fazer uso dos recursos tecnológicos, utilizar cenários para a contação de histórias, produzir peças teatrais, utilizar computadores com internet para incentivar as crianças desde cedo a realizarem pesquisas, entre outras.

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.12)

Na prática pedagógica atual, o “professor” não é aquele “que ensina”, mas, é aquele que orienta, é o mediador, que questiona e indaga o aluno, na tentativa de fazer com que este descubra por si só o conhecimento.

3.3 Dificuldades enfrentadas pelos Educadores

Diante das novas exigências, impostas para a educação das crianças, os docentes têm que estar sempre pesquisando e buscando novas metodologias de ensino para cumprir o que é determinado papel da escola. Assim, necessitam estar sempre buscando participar de capacitações para acompanhar as novas práticas educativas exigidas na contemporaneidade.

Libâneo (2006, p. 22) deixa explícita a responsabilidade social da escola e dos professores onde diz que cabe a estes:

Escolher qual concepção de: vida e de sociedade deve ser traduzida à consideração dos alunos e quais conteúdos e métodos lhes propiciam o domínio dos conhecimentos e a capacidade de raciocínio necessários à apreensão da realidade social e à atividade prática na profissão, na política, nos movimentos sociais. Ao mesmo tempo em que cumpre objetivos e exigências da sociedade conforme interesses de grupos e classes sociais que a constituem, o ensino cria condições metodológicas e organizativas para o processo de transmissão e assimilação de conhecimentos e desenvolvimento das capacidades intelectuais e processos mentais dos alunos em vista o entendimento crítico dos problemas sociais.

Com essas informações percebe-se o quanto importante é a profissão docente, merecendo, ter maior reconhecimento em nosso país. Pois, para desenvolver estas capacidades exigidas, o docente precisa viver atualizado, participando de capacitações e fazendo pesquisas para poder selecionar os conteúdos que vai trabalhar com os discentes, devendo transmitir conhecimentos formais e informais que capacite para o letramento.

Deve ensinar práticas sociais que contribua para a aceitação e o respeito pelo outro; fazer com que percebam problemas sociais e busquem soluções para os mesmos; inserindo-os na sociedade a partir dos conhecimentos locais, para que conheça seus direitos e deveres e lute por eles, para si e para os demais, adquirindo valores sociais, éticos e morais.

Os conhecimentos informais antes eram transmitidos unicamente pelas famílias, hoje é designado também à escola ou mais precisamente ao docente. Cabendo a estes a difícil tarefa de ensinar na perspectiva de tornar o discente capacitado para serem cidadãos conscientes a exercerem seu papel na sociedade. Assim, o docente torna-se juntamente com a família corresponsável por formar verdadeiros cidadãos aptos e letrados.

[...] o grande equívoco que a família comete consiste em só comparecer à instituição escolar diante das dificuldades escolares de seus filhos, sendo que o mais adequado [...] seria o constante apoio e acompanhamento dos pais, visando um melhor comportamento e rendimento dos alunos. (KLAUS *apud* FONSECA, 2014, p. 10).

Por isso, o docente deve envolver os pais nas atividades escolares, fazendo com que eles acompanhem participando ativamente do processo de aprendizagem dos seus filhos, dentro e fora da escola. Em Brasil (1996), no Art. 1º diz que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu Art. 2º, estabelece que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. BRASIL (1996). Todavia, para formar cidadãos dentro das normas estabelecidas pela educação é preciso que todos cumpram com o seu papel, estabelecendo contatos de diálogos e partilha em prol de melhorias para o processo educativo.

Reconhecendo a importância da profissão docente e respeitando o valor que ele tem como formador da cidadania, segue-se com a pesquisa de campo, para identificar como está acontecendo o processo de ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

IV FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterização da pesquisa

Para realização deste trabalho de conclusão de curso (TCC) utilizou-se a abordagem qualitativa, buscando segundo Brennand; Medeiros; Figueirêdo (2012, p.66) “a compreensão particular e geral do fenômeno estudado e a qualidade dos resultados da pesquisa”, optando-se por pesquisa do tipo exploratória, sendo realizado estudo exploratório-descritivo combinado que é para Lakato; Marconi, 2003, p. 188 “o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas.”.

4.2 Definição do campo e dos sujeitos da pesquisa

O estudo empírico foi realizado por meio de questionário aberto em uma escola pública de ensino fundamental localizada na zona urbana da cidade da pesquisadora. A escola escolhida como campo de pesquisa funciona nos três turnos, atendendo no turno matutino o ensino fundamental I - 143 crianças; vespertino o ensino fundamental II - 161 crianças e adolescentes; e no turno noturno funciona a EJA (Educação de Jovens e Adultos) – FASE 2 (séries finais do ensino fundamental) – 26 alunos. Até o momento em que foram colhidas estas informações estavam matriculados nesta instituição de ensino um total de 330 alunos. Esta escola escolhida para campo de pesquisa é bem conceituada tendo obtido no IDEB – 2015 resultados 61 – Ensino Fundamental I e 53 – Ensino Fundamental II. (FONTE: INEP - IDEB).

Os sujeitos da pesquisa foram os docentes que lecionam do primeiro ano até o quinto ano do ensino fundamental, sendo repetida uma série do primeiro ano, contemplando um total de 06 (seis) docentes atuantes no fundamental I nesta escola. Todos os 06 (seis) docentes são graduados em Pedagogia e 04 (quatro) deles têm Pós-graduação, sendo 02 (dois) em Psicopedagogia, 01 (um) em Geografia; Gestão Ambiental e o outro em Educação Inclusiva; Gestão Escolar.

4.3 Caracterização das turmas

Os docentes que responderam aos questionários abertos estão ensinando durante este ano de 2018, nas turmas da primeira fase do ensino fundamental, sendo 06 (seis) turmas no total e distribuídas da seguinte maneira: 1º ano “A” - 18 alunos, 1º ano “B” – 16 alunos, 2º ano – 31 alunos, 3º ano – 27 alunos, 4º ano – 31 alunos e 5º ano – 20 alunos.

O questionário foi aplicado com os docentes destas turmas por ser nessa fase do fundamental I que se concentram os esforços para a construção social da leitura e escrita.

Foi decidido realizar a aplicação de questionário aberto com os docentes desta fase do ensino fundamental, para poder cumprir com os objetivos propostos.

4.4 Procedimentos de geração de dados

Para realização da coleta de dados no campo empírico foi elaborada e apresentada à gestão da escola, uma solicitação de autorização para pesquisa de TCC, pedindo deferimento para aplicação do instrumento de coletas de dados, neste caso, questionário aberto junto aos docentes do ensino fundamental I, daquela instituição. Neste documento constava, o título preliminar do TCC, o objetivo geral e informava que o questionário iria conter 15 (quinze) questões subjetivas para os docentes responderem.

Antes da aplicação dos questionários aos docentes, foi pedido para que eles lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - disponibilizado pela universidade, caso, desejassem participar da pesquisa. Com a concordância de todos, foi entregue os questionários para que respondessem, ficando a pesquisadora responsável por pegar de volta quando respondessem, pois, questionaram que participariam com todo prazer da pesquisa, mas, que não seria possível responder naquele momento. Em comum acordo, no dia seguinte dirigi-me a escola e recolhi os questionários respondidos para analisá-los, agradecendo pela colaboração.

Optou-se por questionário aberto devido à estrutura apresentada pela pesquisa, identificando-se que para se chegar aos objetivos propostos seria necessário atuar *in loco*, pois este instrumento atua como mediador entre o campo da pesquisa, seus sujeitos e o pesquisador, podendo-se atingir um número maior de sujeitos respondentes.

A elaboração do questionário aberto só foi possível mediante estudos documentais realizados para compreensão do fenômeno estudado. Para isso foram realizadas pesquisas em sites como Google Acadêmico e Sielo, sendo realizados estudos em artigos científicos, livros e documentos oficiais para obtenção de informações relevantes sobre a temática. Entre os

documentos foram estudados autores como: Soares (2009), Ferreiro (1935), Piaget (2010), Brasil (1997, 2018), Libâneo (2006), Assolini; Tfouni (1999), entre outros.

4.5 Análise das entrevistas e documental

A análise dos dados se deu por meio da interpretação das falas dos sujeitos, registradas nas perguntas abertas do questionário, sendo este, “um dos instrumentos de coleta de dados mais utilizados pelas pesquisas de campo”, por ser “um dos mais estratégicos para reunir informações, sobre as características de sujeitos, grupos e comunidades” (BRENNAND *et al* 2012, p. 186).

Na aplicação do questionário foram realizadas perguntas direcionadas a leitura individual dos docentes, acreditando-se que para ser um incentivador do hábito de ler, se faz necessário ser assíduo na leitura, incentivando e instigando o discente também a ter curiosidade pela descoberta dos livros.

Analizando as respostas obtidas a partir dos questionários abertos respondidos pelos sujeitos da pesquisa, no caso, os docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, foram observados na primeira questão que perguntava se eles gostam de ler, que todos gostam de ler e um ainda relatou que adora ler; “Sim, de preferência literatura infanto juvenil”; “Sim. Adoro viajar no mundo sem fronteiras dos livros. Tem gente que usa drogas para sair desse mundo eu prefiro fazer isso lendo um bom livro”, sendo esta uma prática constante na vida dos docentes.

É importante que os docentes tenham o hábito da leitura, pois para Cafiero (2005) a leitura é uma atividade ou processo individual que constrói sentidos junto aos sujeitos sociais inseridos em uma determinada cultura e num momento histórico.

Para exercer bem a prática pedagógica, é preciso que os docentes tenham o hábito da leitura, mantendo-se atualizados com as informações. Para isso, deve ler textos diversificados de diferentes gêneros textuais, para poder compreendê-los, interpretá-los e analisá-los, selecionando o que há de melhor para trabalhar com seus alunos. Por meio da leitura o docente consegue aproveitar ao máximo as partes comunicativas contidas nos textos, relacionando-as com as situações reais do meio em que se situam, transformando-as em comunicações com sentido para o aluno, pois “o bom leitor precisa realizar uma série de operações como perceber, memorizar, analisar, sintetizar, inferir, relacionar, avaliar, entre outras.” (CAFIERO, 2005, p.30).

Ter o hábito da leitura é o mínimo que se espera de um profissional que exerce ou deseja exercer a profissão de docente, pois como é possível incentivar alguém a ler, sem ter ele próprio o hábito da leitura! É necessário transmitir para a criança o gosto pela leitura, ensiná-las a percorrer páginas e mais páginas sem se cansar, sentindo a cada linha o entusiasmo da descoberta. É preciso sentir a leitura, entrar no contexto para poder vivenciá-la, transmitindo sentido para a criança.

Para que as crianças tomem gosto pela leitura é preciso que desde cedo sejam incentivadas a ler. O ato de ler é uma ferramenta fundamental ao indivíduo e proporciona a sua inserção no meio social, contribuindo para que seja um cidadão atualizado com as transformações do meio no qual vive, podendo participar ativamente deste processo de transformação que a vida na contemporaneidade oferece.

Inicialmente, quando a criança ainda não está alfabetizada, a leitura deve ser feita por alguém próxima da criança, seja em casa ou na escola, mas de maneira que ela participe visualizando-a por meio das imagens contidas nas mesmas, pois dessa maneira, fazendo com que ela relacione o que está ouvindo com o que está vendo, ela desperta para o mundo, descobrindo-o por meio da literatura.

Quanto à segunda questão que perguntava qual relação o docente tinha com a leitura, obtiveram-se respostas mistas; “Procuro me aperfeiçoar no mundo da leitura fazendo com que melhore a cada dia o meu conhecimento”; “Regular, pois faço opção por livros que sempre estão ligadas a temas em estudo”; “Uma relação de amor e vida”; “Contínua”; “Muito boa e contínua”; “Vivemos em uma Sociedade em que a Leitura e a escrita estão em toda a parte. E através da Leitura posso desenvolver estratégias que privilegiem a aprendizagem e transforme a minha forma de ensinar e o meu aluno aprenda com significado”.

As respostas levam ao entendimento de que a prática de leitura dos docentes é contínua, sendo essencial na vida deles, pois através das leituras realizadas adquirem novos conhecimentos, contribuindo para melhorar suas práticas pedagógicas e possibilitando levar a seus alunos conteúdos mais significativos. Paulo Freire em “Ensinar exige rigorosidade metódica” nos diz que:

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. A realidade com que

eles têm que ver é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um dado aí, desconectado do concreto. (FREIRE, 1996, p. 14).

Nessa passagem, Freire (1996) fala sobre a importância de ler, refletindo sobre a prática de leitura, de modo a realizar uma leitura com significação, utilizando diálogos próprios do cotidiano das crianças para que estas compreendam o real sentido do texto. Durante a leitura o docente deve fazer relação do texto lido com o contexto ali inserido. Não deve se ater unicamente ao que traz escrito no texto, mas fazendo com que a criança interprete e compreenda o que está por trás das palavras, ou seja, interprete a informação contida no texto.

Analizando a terceira questão que perguntava o que eles leem frequentemente, obteve-se como respostas: “Livros de Emília Ferreiro, Paulo Freire entre outros”; “Livros infantis (estou diante do novo acervo do PNAIC e quero conhecer todos), então acabo dedicando o meu tempo de leitura todo para a literatura infantil, mas leio também os clássicos que retrata a história”; “Textos bíblicos e reflexivos”; “Textos variados”; “Livros didáticos, artigos de internet, sites, livros infantis e revistas”; “Adoro ler livros em especial de finalidades de formação pedagógica que me oriente e fortaleça no dia-a-dia profissional”.

Percebe-se que os docentes realizam leituras voltadas para a área de trabalho, logo, dão preferência a textos que orientam e contribuem para a prática pedagógica como os livros do acervo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), Livros de Emília Ferreiro e Paulo Freire, Livros didáticos e infantis.

Segundo o Portal do MEC, o novo ciclo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa foi lançado em 2015, para ter início em 2016, sendo específico para as regiões Norte e Nordeste do país. Tendo sido desenvolvido para tentar superar os resultados obtidos na ANA. Esse Pacto foi inspirado em um projeto de Alfabetização na Idade Certa do Ceará, que possibilitou a este, ser o melhor estado do nordeste no resultado da ANA 2014. O PNAIC, “tem três eixos de atuação, que visam reduzir os níveis de analfabetismo e baixo letramento das duas regiões” e tem como objetivo conseguir alfabetizar todas as crianças até o final do terceiro ano do ensino fundamental, estando este objetivo na meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE).

Na quarta questão perguntou-se qual seu gênero textual preferido e metade dos docentes responderam poema; “Amo poema, mas tenho grande admiração pelos contos e fábulas”; “Poemas e canções”; “Poema”, porém, dois dos três docentes responderam poema em conjunto com outros gêneros textuais como: contos, fábulas e canções. Os demais

responderam: “Cantigas de roda, mas para mim todos os gêneros são de grande importância para ser trabalhado”; “Contos”; “Todos sem distinção, pois cada um no seu contexto amplia meus conhecimentos”. Diante das respostas, é perceptível a utilização de diversos gêneros textuais e o reconhecimento dos docentes em conhecer diversas estruturas para poder levar a seus alunos conteúdos diversificados, para a prática de leitura.

Para Cafiero, (2005, p. 40). “O leitor competente pode ser chamado também de proficiente é aquele que possui um conjunto de habilidades e sabe usar essas habilidades na leitura dos diversos gêneros que circulam na sociedade”. Apesar da preferência por estes gêneros textuais, os docentes reconhecem que é importante ler e trabalhar com outros tipos de textos. Conhecer diversos gêneros textuais contribui para tornar o docente.

Sujeito interpretante, o que lhe permite retroagir sobre o processo de significação de seu discurso, olhá-lo de um outro lugar, denominado “lugar de autor”, e criar o efeito de síntese, de verdade incontestável, que serve de fechamento ou ponto de estofo, controlando, portanto, a dispersão e a deriva, que poderiam instalar-se naquele lugar. (ASSOLINI; TFOUNI, 1999, p. 66)

É preciso conhecer os tipos de textos e os gêneros textuais para poder trabalhar os textos mais confortavelmente com os alunos, fazendo com que eles (re) conheçam, desde pequenos as diversas estruturas textuais existentes, compreendendo suas finalidades e dando significação para os porquês de diferentes formas estruturais. Se for trabalhado só o contexto do texto sem apresentar sua estrutura, este conhecimento pode passar despercebido pelo aluno, ocasionando a falta de aprendizagem.

É pelo contato e uso em situações de comunicação cotidianas que o indivíduo se torna capaz de identificar e utilizar os diversos gêneros. Assim, para aumentar a competência em interações sociais, é necessário que, nas atividades de ensino, se contemple a diversidade dos gêneros, partindo-se dos que são conhecidos pelos alunos para atingir os que eles não conhecem, mas precisam dominar. (CAFIERO, 2005, p. 25)

Demonstrando a importância de conhecer diversos gêneros textuais, Cafiero (2005) diz que não é possível ler uma notícia de jornal e um livro de romance do mesmo jeito, pois até externamente existe diferenças entre eles, fazendo referência que podemos fazer leitura de romance mais confortavelmente, enquanto o jornal exige um pouco mais de raciocínio.

Retomando, na quinta questão: que livros já leu sobre a temática, foram obtidas como respostas pelos docentes: “Já li alguns livros mais me encontro com o trabalho com gêneros textuais a partir do PNAIC que abre caminhos sobre os gêneros; “As mil e uma

noites, O pequeno polegar, O pequeno Príncipe que considero uma parábola e não uma fábula”; “A arca de Noé, de Vinícius de Moraes, Livros didáticos que trazem poemas de Ruth Rocha, Elias José... E paradidáticos”; “Vários livros... (conto de aventura, fadas, etc)”;

“Livros do acervo da biblioteca escolar”; “Pedagogia da Autonomia (Paulo Freire), Quem ama Educa (Icami Tiba), A Alegria de Ensinar (Rubens Alves), entre outros”.

A partir das respostas observam-se nomes de livros e autores em conformidade com as respostas anteriores, sendo contos, fábulas, poemas, livros didáticos e paradidáticos, lidos frequentemente pelos docentes. Esses questionamentos sobre leitura contribuíram com esta pesquisa, pois a partir da resposta dada pelos docentes foi possível perceber que eles participam do PNAIC, utilizam diferentes gêneros textuais e gostam de ler para atualizar suas práticas pedagógicas, sendo citado o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, por dois docentes até este momento, relatando estarem participando do mesmo, o que não quer dizer que os demais não estejam, pois existem respostas como: vários livros e livros do acervo da biblioteca escolar que podem estar inclusos os livros do PNAIC. O que mais chamou atenção foi às palavras de um dos docentes: “*O Pequeno Príncipe* – a que considero uma parábola e não uma fábula.”.

É preciso saber estabelecer relações entre as várias informações disponíveis: as velhas, que já fazem parte de um conhecimento armazenado, e as novas, que se somam a essas nos processos de construção de sentido a partir da leitura de novos textos. Precisamos saber ler e compreender não só o que está escrito nas linhas, mas o que está por trás delas: os não-ditos, o duplo sentido, as intenções, que muitas vezes ficam apenas esboçadas, que não são explicitamente codificadas. (CAFEIRO, 2005, p. 9)

Até esse momento foi investigado o conhecimento sobre leitura pelos docentes, observando-se por meio das respostas obtidas que alguns estão bem introduzidos na prática de leitura, outros, ainda estão começando a se adaptar ao processo de letramento, sendo percebidos a partir de respostas como textos variados, vários livros, mas não fazendo referência a gênero textual, título ou autor.

Na sexta questão perguntou-se como é trabalhada a função social da leitura e escrita sendo obtida resposta de cinco dos participantes, tendo se abster um dos participantes de respondê-la, deixando-a em branco. Os demais responderam: “A leitura é trabalhada tentando mostrar aos educandos que só aprende ler lendo e a escrita também observando os níveis de escrita das crianças”; “É algo preciso, mas o próprio livro didático apresenta situações de estratégias bem voltadas para a questão do letramento, onde apresenta uma variedade textual bem diversificada tornando assim fácil do professor desenvolver ações para alcançar o

objetivo desejado em cada turma, além do subsídio oferecido pelos cursos de formação”; “Através da produção de cartas, bilhetes e pequenos textos, e da leitura de textos informativos e instrucionais, entre outros”; “Trabalho os gêneros variados, destacando seu uso no cotidiano dos alunos e sua importância”; “Procuro como norte segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais que tem como objetivo que o indivíduo ingresse no mundo letrado e construir seu processo de construção da cidadania e compreensão do mundo crítico e reflexivo”.

Interpretando as respostas, os docentes comentam que é fácil trabalhar a função social da leitura e escrita, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais, os livros didáticos e os cursos de formação realizados por eles, já trazem uma variedade textual bem diversificada que orienta e auxilia no desenvolvimento de ações voltadas para o letramento.

Eles trabalham a perspectiva do letramento por meio de gêneros textuais variados, fazendo a relação da informação contida no texto com o cotidiano dos alunos, mostrando a importância da leitura e escrita nas práticas sociais. A função social da leitura e escrita é trabalhada através da produção de cartas, bilhetes, pequenos textos informativos e instrucionais. Segundo Assolini; Tfouni (1999, p.57)

O conceito de letramento proposto por Tfouni, em primeiro lugar, não é mais a língua, enquanto código, que é considerada como parâmetro, mas os discursos que servem de suporte às práticas letradas; em segundo lugar, a dicotomia língua oral/língua escrita já não serve mais, e passa-se a considerar que tanto pode haver características de língua oral na escrita quanto vice-versa. Daí decorre que, o que está em questão não é se o sujeito é alfabetizado ou não, mas, antes, em que medida esse sujeito pode ocupar a posição de autor.

As práticas de letramento não levam somente em consideração se o aluno é alfabetizado ou não, ou seja, se ele sabe escrever e ler ou não, mas considera o conhecimento adquirido por ele durante todo o processo de aprendizagem, fazendo relação do conhecimento anterior com o processo em andamento, reconhecendo o que o aluno aprendeu ou evoluiu, em vez de contabilizar o erro. Dessa maneira, o que é medido é o nível de evolução na aprendizagem.

Assim, mesmo que a criança não saiba ler e escrever, mas compreenda e saiba interpretar o que está escrito no texto através da oralidade, pode ser considerada como letrada, porém não alfabetizada. Desse modo, os indivíduos que vivem em uma sociedade letrada, e não sabem escrever, não pode ser considerado iletrado.

As competências que constituem o letramento são distribuídas de maneira contínua, cada ponto ao longo desse contínuo indicando diversos tipos e níveis de habilidades, capacidades e conhecimentos, que podem ser aplicados a diferentes tipos de material

escrito. Em outras palavras, o letramento é uma variável contínua, e não discreta ou dicotômica. Portanto, é difícil especificar, de uma maneira não arbitrária, uma linha divisória que separaria o letrado do indivíduo iletrado (SOARES, 2009, p. 70 - 71).

A alfabetização para o letramento deve contemplar leitura, escrita, oralidade, conceitos matemáticos e os demais currículos. Os conteúdos trabalhados devem ser atualizados e contextualizados, a fim de contribuir para a formação do cidadão conhecedor da vida sociocultural e histórica para poder agir criticamente participando da vida em sociedade.

Na sétima questão foi respondido que os ambientes utilizados para a prática de leitura são: a sala de aula através do cantinho da leitura, leitura deleite e roda de leitura; a biblioteca; o supermercado; a casa; o pátio da escola (nos eventos), entre outros. Fazendo referência à resposta de um dos docentes, “todos os ambientes possíveis, principalmente a sala de aula”. Com as palavras dos demais docentes temos: “Leitura deleite, roda de leituras, como também o cantinho de leitura que tenho na sala de aula, fazendo com que as crianças despertem o gosto pela leitura”; “Biblioteca, supermercado, casa, a escola, etc.”; “A sala de aula, o pátio (nos eventos), em casa e na aula de reforço”; “Sala de aula”, “Sabemos que o primeiro ambiente incentivador da criança a prática de leitura é responsabilidade da família, depois a escola. Entretanto, a instituição familiar nem sempre contribui ficando para a escola cumprir essa tarefa criando condições e ambientes favoráveis para esse momento cultural, levando-o a encantar-se pela leitura”. A resposta deste último docente trouxe uma dificuldade enfrentada pelos docentes, no processo de alfabetização e letramento, demonstrando que falta o incentivo à leitura por parte dos familiares.

Realmente não existe lugar específico para a prática de leitura, sendo todos os lugares propícios a ser explorado. Para viver em sociedade o indivíduo necessita desenvolver habilidades de leitura, escrita e oralidade para se comunicar, compreender e interpretar o mundo ao seu redor. Essas habilidades capacitam o indivíduo para agir criticamente e conscientemente, participando ativamente.

A oitava questão perguntava como é feita a seleção dos textos, sendo todas as respostas contempladas nas palavras de três dos docentes “A cada dia uma criança escolhe um livro leva pra casa faz a leitura e socializa no dia seguinte”; “De acordo com as sequências didáticas que serão trabalhadas”; “De acordo com os textos do livro didático e das necessidades das crianças”. As outras respostas condizem com estas expostas.

Conforme as respostas a seleção dos textos são feitas de acordo com a sequência do livro didático, dos conteúdos que irão ser trabalhados, e ainda, quando foi feita relação da

escolha do texto para leitura individual, obteve-se que o texto é escolhido pela criança para que a mesma realize a leitura em casa e socialize no dia seguinte.

Para a escolha do texto, o docente deve levar em consideração o conteúdo observando sua intencionalidade, haja vista que para interpretar um texto utiliza-se de diversos mecanismos de memória fazendo relações de interações “que o leitor deve traçar com o texto entre elas podemos citar a interação com o autor, com o texto e com o contexto de produção. Considera-se, portanto o contexto social em que o texto foi produzido e o contexto em que ele será recebido pelo leitor.” (OLIVEIRA; CASTELA, 2013, p.288).

Quando foi perguntada na nona questão qual a metodologia utilizada, foi respondido por três docentes, fazendo a junção das respostas que é utilizado “leitura individual e coletiva, colaborativa, dramatizada com suspense, compartilhada, expositiva, etc”. Também foram citadas “rodas de leitura, leituras deleite” (já mencionadas anteriormente por outro participante), “pesquisas, produção de textos variados, empréstimo de livros do acervo da escola, entre outras”. Detalhando como trabalha a leitura com seus alunos um dos docentes diz: “Sempre gosto de apresentar o livro (texto), autor-ilustrador e falo um pouco das características do autor, faço leitura compartilhada, gosto de preparar o ambiente e também gosto de apresentar o livro e fazer a contação da história”. Ainda teve como resposta “Trabalho uma metodologia onde meus alunos consigam despertar o gosto pelo ato de ler e escrever convencionalmente”; “A base é trabalhar as diversidades de gêneros que formam a Língua e um bom planejamento. Tudo é válido para a aprendizagem”. Cada docente utiliza métodos próprios para tentar desenvolver seus alunos no processo de ensino aprendizagem.

A décima questão perguntava as barreiras enfrentadas pelo docente alfabetizador no seu cotidiano de ensino e, quanto a esta questão, surgiram problemas de falta de acompanhamento das famílias (ausência), falta de materiais, problemas estruturais e físicos, desmotivação por parte dos alunos, sendo, várias as barreiras enfrentadas no dia-a-dia de trabalho destes profissionais; nas palavras dos docentes temos: “Sabemos que existem vários mais mesmo assim temos que ser fortes e irmos em frente, utilizando os recursos que temos ao nosso alcance”; “Não, a principal barreira mesmo é a falta de material, então, procuro investir na minha maleta para que eu possa desenvolver os meus projetos”; “Falta da biblioteca e da sala de computação e de um ambiente alfabetizador com cantinhos que não seja rasurado pelas outras turmas”; “A falta de interesse de pais ou responsáveis”. Essas respostas revelam a realidade da escola, identificando a falta de biblioteca e equipamentos tecnológicos como computadores disponíveis para o uso dos alunos, assim como, expõe a não participação da família no processo de aprendizagem dos seus filhos, porém não pode ser

generalizada, pois existem famílias participantes das atividades escolares de seus filhos, não podendo generalizar.

Foi perguntado na décima primeira questão quais as estratégias de ensino utilizadas por eles para o processo de alfabetização e, na fala de alguns dos participantes que vão de encontro ao pensamento dos demais vemos: “Leituras deleite, roda de leitura, avaliação diagnóstica, produção textual, revisão textual, dentre outras”; “Leitura (roda de conversas), contação de história, produção e execução de jogos, oficinas (plásticas e teatro), assim, utilizo o livro didático e atividades de aprofundamento elaborada por mim para ir de encontro as dificuldades observadas da turma”; “Utilizo jogos educativos e exploro a leitura, escrita e oralidade da turma”. Interpretando as respostas surgiram os tipos de leituras já explicitadas neste documento, produção e execução de jogos educativos, oficinas (plásticas e teatro), produção de projetos, produção e revisão textual e avaliação diagnóstica dos níveis de leitura e escrita para identificar as dificuldades da turma. Mediante as respostas, as estratégias utilizadas buscam trabalhar a leitura, escrita, oralidade e raciocínio lógico das crianças.

Na décima segunda questão foi perguntada se os docentes utilizavam jogos nas salas de aula e quais, observando-se que na questão anterior, eles já haviam colocado jogos dentre as estratégias de ensino utilizadas. São respostas de três dos docentes: “Sim, jogos de linguagem e de matemática do PNAIC, como também outros que construo com eles em sala”; “Sim, jogos de leitura, raciocínio lógico e montagem”; “Sim, jogos do acervo do PNAIC e produzidos pela professora”. Observa-se diante das falas expostas que as respostas repetem-se continuamente, sendo utilizados jogos por todos os docentes em suas práticas pedagógicas. Os jogos utilizados por eles são de raciocínio lógico, leitura, montagem, gravuras x palavras, bingos, jogos online, jogo do baralho, loto leitura, jogo da memória, dominó de palavras e frases, palavra dentro da palavra, entre outros. Trabalhar com jogos na educação infantil contribui para a aprendizagem das crianças, pois elas brincam e ao mesmo tempo aprendem sem nem perceber que através daquela brincadeira prazerosa, estão sendo trabalhados conteúdos. Estes momentos devem ser explorados pelos professores na tentativa de desenvolver habilidades e novos conhecimentos para as crianças.

Perguntou-se na décima terceira questão como acontece o processo de avaliação, colocando alternativas se era avaliação como processo, como objeto de intervenção e/ou sondagem como instrumento. Foram respostas dos docentes: “Sondagem como instrumento de avaliação, em forma de diagnóstico avaliando a leitura, a escrita e a interpretação”; “Contínua e sistemática. A primeira faço todos os dias durante o desenvolver das atividades observadas e registro dos avanços, dificuldades e comportamento e aplico avaliação

diagnóstica bimestral dividida em três momentos (trabalhos)”; “Faço uma mesclagem dos três com diagnóstico de leitura, escrita, interpretação e ditado de números e, a aplicação de um simuladinho baseado na Provinha Brasil, porém com os conteúdos vistos”; “Acontece das três formas utilizando-se de instrumentos qualitativos e quantitativos”. As respostas não descritas condizem com as expostas. Todas as respostas levam ao entendimento que a avaliação é realizada todos os dias, sendo contínua e sistemática, chegando a ser utilizar os três tipos de avaliações.

A avaliação na perspectiva do letramento deve levar em consideração quais conhecimentos o aluno já adquiriu a fim de buscar novas estratégias de ensino para que adquira novos conhecimentos, tornando a aprendizagem significativa, por este motivo é um processo contínuo, de observação e diagnóstico. Para Soares (2009, p. 116)

O reconhecimento dos múltiplos significados de letramento conduz a uma diversidade de definições operacionais, cada uma respondendo aos requisitos de um determinado programa de avaliação ou medição.

[...], a questão crucial, em processos de avaliação ou medição do letramento, é determinar de modo claro a definição operacional em que esses processos deverão basear-se e construir instrumentos para a coleta de informações em função dessa definição.

Em contextos escolares, esse procedimento é facilitado pelo fato de que, como observado anteriormente, as escolas podem avaliar e medir habilidades e competências em pontos diferentes do contínuo que é o letramento, e em diversos momentos durante o processo de escolarização.

Desse modo, as escolas podem trabalhar com várias e diferentes definições operacionais de letramento, cada uma sendo utilizada para a avaliação ou a medição de determinadas habilidades e práticas em estágios específicos do processo de escolarização. O problema, [...], é [...] evitar que o letramento seja definido de modo vago e medido com critérios diferentes em cada escola, sistema de ensino ou região, [...], ou [...] reduzir o letramento a um conceito escolarizado, distanciado das exigências de letramento externas à escola [...].

Em conversa com os docentes da escola campo de pesquisa foi observado que a instituição trabalha com avaliações diagnósticas sistemáticas e contínuas, avaliando sempre em que nível de leitura, escrita, interpretação e conceitos matemáticos encontram-se o aluno.

Segundo Soares (2009) quando a avaliação for de conclusão de série, os critérios avaliativos dos conhecimentos obtidos pelos alunos devem condizer com os critérios determinados para a educação fundamental formal. Nesse caso, levam-se em consideração os conhecimentos formais, ou seja, os conhecimentos transmitidos unicamente pela escola.

Na décima quarta questão que pedia para descrever como era realizada a avaliação, dois dos docentes responderam logo na questão anterior, relatando o tipo e explicando como realizava a avaliação. Os demais responderam: “Através de avaliação diagnóstica”; “A avaliação é contínua, ou seja, o aluno é avaliado sempre através de trabalhos individuais e em

grupo, avaliação (prova), etc.”; “Através de trabalho bimestral, simulado, avaliação e observação da participação e comportamento dos alunos”; “Observação atenta e constante, conhecendo o limite de cada um, não me preocupo com classificação de melhor ou pior, porém, faço uma auto-avaliação da minha metodologia para que todos aprendam”. Explicando, os docentes realizam a avaliação através de observação atenta e constante, com registro dos avanços, dificuldades e comportamento; realizam diagnóstico bimestral de três trabalhos, avaliando a leitura, a escrita e a interpretação; e simulados (modelo tipo a Provinha Brasil).

Décima quinta questão e último questionamento feito aos docentes, perguntou-se como é trabalhada a oralidade com os alunos, tendo sido percebido bastantes estratégias para esta prática até aqui, porém, vamos à diante com as respostas dadas: “Através de rodas de leitura como também buscando o conhecimento prévio das crianças com relação ao conhecimento de mundo dos mesmos”; “Regular; são instigados a participar dos debates, apresentar suas opiniões e trabalho também a questão de observar informações e repassar com atenção e responsabilidade (saber ouvir)”; “Através da leitura de livros do acervo e da socialização de entrevistas e pesquisas, como também da roda de conversa”; “Através da leitura de suas respostas, leitura de textos, conversas informais, etc”; “Através de atividades variadas, conversas informais com observação de desempenho dos alunos”; “A oralidade é um importante recurso em sala com: Diálogos, Debates, Seminários, de forma responsável dar vez e voz ao aluno nas apresentações e discussões”.

Para trabalhar a oralidade os docentes desta escola campo empírico utilizam estratégias e métodos para instigar os alunos a participar dos debates, apresentando suas opiniões; utilizam como estratégia observar informações e repassar com atenção e responsabilidade, como por exemplo, transmitindo recados aos pais; por meio de conversas informais com observação de desempenho dos alunos; através da leitura de suas próprias respostas; leitura de textos; por meio das rodas de conversas; socialização de entrevistas e pesquisas.

4.6 Resultados - Análise dos dados

Conforme o observado nas respostas dos docentes, a prática docente nesta instituição de ensino encontra-se voltada para o processo de alfabetização na perspectiva do letramento.

Apesar de alguns docentes parecerem inseguros, com relação a esta nova maneira de ensinar a ler e escrever, as estratégias e metodologias de ensino observadas não fugiu do que seja o letramento.

Os docentes trabalham com leitura de textos diversificados e com vários gêneros textuais que contribui para inserir os alunos nas práticas sociais. Trabalham a leitura e a escrita através da oralidade e escrita, incentivando a produção textual e levando aos alunos informações e conhecimentos significativos que contribui para torná-los letrados.

Trabalham a oralidade por meio de debates, leituras, recados e; a prática de escrita a partir de diferentes tipos de textos, fazendo relação de oralidade/escrita.

Nas cinco primeiras questões percebe-se que alguns estão familiarizados com a leitura, outros não estão muito fluentes, mas mesmo assim, fazem uso da leitura para poder selecionar os conteúdos a serem trabalhados, demonstrando exercer a profissão com responsabilidade. Apesar de alguns não parecerem estar tão fluentes no hábito da leitura, fazem uso de livros voltados para a área da pedagogia, talvez porque a profissão não lhes permita ter tempo de ler outros conteúdos que não sejam voltados para a área de trabalho.

Os docentes falam bastante no PNAIC e, esta é uma prova de que estão passando por processo de formação continuada para atenderem as novas sugestões de ensino voltadas para a questão do letramento. O acervo do PNAIC dispõe de textos com diversos contextos e estruturas e jogos que ajudam nas práticas pedagógicas voltadas para os conhecimentos formais e informais de modo a capacitar o aluno a ficar apto a atender a nova demanda de cidadão que a sociedade exige.

Outras questões relevantes para o processo de letramento foi a maneira como são avaliados os conhecimentos das crianças, levando em consideração os conhecimentos adquiridos anteriormente por elas e considerando os avanços; a sistemática de avaliação adotada pela instituição que é aplicada por meio de observação contínua e permanente, através de diagnóstico, medindo os níveis de leitura, escrita, interpretação e conceitos matemáticos, sendo utilizados os mesmos critérios de avaliação em todas as turmas da instituição. Estas são informações relevantes que contribuem para a percepção da prática de alfabetização voltada para a perspectiva do letramento.

Como este estudo buscou investigar qualitativamente a prática docente em relação ao processo de alfabetização e letramento, tendo como sujeito da pesquisa os docentes, não foi avaliado o nível de leitura e escrita em que se encontram os alunos no campo empírico, podendo esta questão ser investigada em estudos seguintes. Sendo uma temática ampla, pois, enquanto mais se investiga, mais surgem questionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para conseguir realizar este trabalho um longo caminho foi percorrido a fim de encontrar material suficiente e de qualidade para a produção do mesmo, sendo realizadas pesquisas em diversos sites confiáveis; recorrendo a Bibliotecas, como a do Polo, a Biblioteca Municipal da cidade da pesquisadora e, perguntando a pessoas da área se não tinham livros sobre a temática, sendo a maioria das buscas realizadas sem sucesso, porém, em meio a angustia devido o pouco tempo disponível, mas, com o enorme desejo de realizar este trabalho seguiu-se em frente, conseguindo alguns documentos com a professora e com a orientadora de TCC II e com o Secretário de Educação do Município em que foi realizada a pesquisa, além destas, foram realizadas buscas por documentos oficiais no Portal do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Depois de conseguir o material, houve um alívio, iniciando as leituras para conhecer o que traziam os autores renomados sobre a temática, definindo-se os pontos que iriam ser abordados. Decidido, passou-se a produzir o que se tem nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

Foi por intermédio dos materiais citados neste trabalho que se adquiriu os conhecimentos sobre a temática proposta e possibilitou a elaboração do questionário aberto aplicado aos docentes, resultando no cumprimento dos objetivos propostos.

Mediante os estudos documentais realizados identificaram-se diversas concepções pertinentes sobre o que sejam alfabetização e letramento, observando-se que alguns autores veem estes processos como único, outros entendem como processos diferenciados. Mas o importante é que ambos abordam o aprendizado da leitura e escrita como fundamentais e indispensáveis para a aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos, sendo reconhecidos como indissociáveis e essenciais para a prática da leitura e escrita proposta na contemporaneidade, que busca alfabetizar letrando.

Constatou-se que nesse processo de descoberta da leitura e escrita, não é possível afirmar qual se aprende primeiro, se a leitura ou a escrita, pois os estudos trazem concepções diferentes com relação a esta questão, sendo estes um processo individual e inato. Nesse processo viu-se que algumas crianças aprender primeiro a escrever, outras a ler, não sendo possível dizer que a leitura precede à escrita ou vice-versa.

Para a aquisição de novos conhecimentos na escola pesquisada, os docentes utilizam avaliações de diagnóstico constantes para verificar quais conhecimentos às crianças já adquiriram, para poder dar continuidade com aos conteúdos, planejando as aulas seguintes a

partir dos resultados obtidos, utilizando estratégias e métodos diferenciados a fim de desenvolver habilidades e aprendizagem significativas para as crianças.

No embate entre as várias concepções e perspectivas encontradas, este estudo chega à conclusão que o ensino na contemporaneidade deve alfabetizar na perspectiva do letramento, devendo os docentes utilizar práticas de ensino que capacite os alunos a ler, escrever e interpretar. Na perspectiva do letramento, o processo de alfabetização vai além do ler e escrever, sendo acrescidos conhecimentos de vivência, sendo transmitidos conhecimentos formais e informais, que tornam os alunos aptos a viver, participar e agir criticamente e conscientemente sobre a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ASSOLINI, F. E.; TFOUNI, L. V. **Os (des) caminhos da alfabetização, do letramento e da leitura**. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 9, n. 17, p. 25-34, dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1999000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai 2018.
- BRASIL, **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 29 de maio 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **MEC anuncia Política Nacional de Alfabetização para reverter estagnação na aprendizagem**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36188>>. Acesso em: 30 mar 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1º e 2º ciclos do ensino fundamental)**. v. 3. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Educação Básica **Pacto pela alfabetização vai focar no Norte e Nordeste, com inspiração no sucesso do Ceará**. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/32791-pacto-pela-alfabetizacao-vai-focar-no-norte-e-nordeste-com-inspiracao-no-sucesso-do-ceara>>. Acesso em: 17 mai 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Avaliações da Aprendizagem**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/190-secretarias-112877938/setec-1749372213/18843-avaliacoes-da-aprendizagem>>. Acesso em: 09 abril 2018.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.
- BRENNAND, E. J. G.; MEDEIROS, J.W. M.; FIGUEIRÊDO, M. A. C. **Metodologia Científica na Educação a Distância. Coleção Mandala**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. 232 p.
- CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005. 68 p.
- COLELLO, Sílvia M. Gasparian. **Alfabetização e letramento: repensando o ensino da língua escrita**. In: **videtur**, n. 29, Porto: Mandruvã, 2004. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>. Acesso: maio 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática docente**. Coleção Leitura. Ed. 25. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FONSECA, Camila de Oliveira. **Rendimento escolar e arranjos familiares: estabelecendo relações**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014, 21p

INEP, **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. - IDEB. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=3241683>>. Acesso em: 10 mai 2018.

KLEIMAN, A. B. **Professores e agentes de letramento**: identidade e posicionamento social. **Filol. lingüíst. port.**, n. 8, p. 409-424, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Ed. Cortez. 2006. 262 p.

LURIA, A. R. **O desenvolvimento da escrita na criança**. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e Aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 143-189

MAIA, M. G. B.; MARANHÃO, Cristina. **Alfabetização e letramento em língua materna e em matemática**. Ciênc. educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 931-943, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132015000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2018.

MELLO, M. C. O. Emilia Ferreiro (1935-) e a **Psicogênese da língua escrita**. In: MORTATTI, MRL., et al., Orgs. **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 245-275.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget**. Recife: Editora Massangana, 2010. 156 p

OLIVEIRA, I. F. L.; CASTELA, G. S. **Alfabetização e/ou letramento**: implicações para o ensino. Revista Eletrônica Travessias, v. 7, n. 1, 17ª edição. 2013.

PAIM, M. M. W. **Alfabetização e letramento: um estudo sobre as concepções que permeiam as práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores**. X Anped Sul, Florianópolis, out. 2014.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICES



Universidade Federal da Paraíba – UFPB
 Centro de Educação - CE
 Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
 Modalidade a Distância



Componente Curricular: **Trabalho de Conclusão de Curso II**
 Professora Formadora: **Idelsuíte de Sousa Lima**
 Professora Orientadora: **Francineide Rodrigues Passos Rocha**
 Aluno(a): **Edilane Araújo dos Santos** Pólo: **São Bento – PB**

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO:
PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Eu, Edilane Araújo dos Santos, aluna do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, venho através deste instrumento, solicitar ao Gestor da Escola Municipal Sandoval Rubens de Figueiredo a autorização para aplicação de instrumento de coleta de dados para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual é requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Na oportunidade, comunico-lhe que o título do TCC é A PRÁTICA DOCENTE E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO e tem como Objetivo Geral: Analisar a prática docente no processo de alfabetização e letramento.

Assim sendo, a coleta de dados será feita através da aplicação de questionário, contendo 15 questões subjetivas, devendo ser respondidas pelos docentes de todas as turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, da referida instituição.

Comprometo-me em utilizar as informações prestadas unicamente para este fim, mantendo sigilo e ética sobre as respostas obtidas.

Sem mais para o momento, peço deferimento.

Várzea – PB, 25 de abril de 2018.

EDILANE ARAÚJO DOS SANTOS
 Aluna Pesquisadora

Assinatura e Carimbo do Gestor

DEFERIDO () INDEFERIDO ()



Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Centro de Educação - CE
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Modalidade a Distância



Componente Curricular: **Trabalho de Conclusão de Curso II**
Professora Formadora: **Idelsuíte de Sousa Lima**
Professora Orientadora: **Francineide Rodrigues Passos Rocha**
Aluno(a): **Edilane Araújo dos Santos** Pólo: **São Bento – PB**

INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES
QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO DO TCC

1. VOCÊ GOSTA DE LER?
2. QUAL A SUA RELAÇÃO COM A LEITURA?
3. O QUE FREQUENTEMENTE LÊ?
4. SEU GÊNERO TEXTUAL PREFERIDO?
5. QUE LIVROS JÁ CONSEGUIU LER SOBRE ESTA TEMÁTICA?
6. COMO É TRABALHADA A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA?
7. QUAIS OS AMBIENTES UTILIZADOS PARA A PRÁTICA DE LEITURA?
8. COMO É FEITA A SELEÇÃO DOS TEXTOS?
9. QUAL A METODOLOGIA UTILIZADA?
10. AS BARREIRAS ENFRENTADAS NO SEU COTIDIANO DE PROFESSOR(A)
ALFABETIZADOR(A) COM RELAÇÃO AO ENSINO?
11. QUAIS AS SUAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO?

12. UTILIZA JOGOS NA SALA DE AULA? QUAIS?

13. COMO ACONTECE O PROCESSO DE AVALIAÇÃO: a) avaliação como processo;
b) avaliação como objeto de intervenção; e c) sondagem como instrumento de
avaliação?

14. DESCREVA COMO REALIZA A AVALIAÇÃO?

15. COMO É TRABALHADA A ORALIDADE NOS ALUNOS?

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado (a): **A Prática Docente e sua Contribuição no Processo de Alfabetização e Letramento** desenvolvida pela pesquisadora **Edilane Araújo dos Santos**, a quem poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (83) 99670-9072 ou e-mail: edilane_araujo_s@hotmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais busca investigar processos de formação docente.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação, com **a Resolução 466/12 da CONEP/MS**.

Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de respostas aos questionamentos elaborados pela pesquisadora no instrumento de coletas de dados, sendo neste caso, questionário aberto. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela pesquisadora. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Várzea - PB, ____/____/ 2018.

Assinatura do(a) participante